

QUINZE ANNOS DEPOIS...

* A cultura allemã contra o nacionalismo, segundo *
um inquerito recente *

por Sergio Buarque de Hollanda

(Para O JORNAL)

FRANÇA E ALLEMANHA

BERLIM — Setembro.

A recente victoria eleitoral dos partidos da extrem-direita na Alemanha poderia conduzir muita gente á opinião de que a maioria do povo allemão se acha divorciada dos ideaes que conduziriam ao melhor entendimento e á maior harmonia entre os povos. Em outra correspondencia tentei mostrar como o triumpho dos "revanchistas" no mais recente pleito eleitoral travado no Reich constituiu apenas uma manifestação da consciencia de que a Alemanha só se pôde salvar da situação em que se encontra por uma reacção contra as injustiças de Versailhes. Se é verdade que existe um excesso natural nessa reacção será impossível dizer que os elementos mais representativos da nação allemã participam de qualquer tendencia no

Será absurdo desconhecer as divergencias entre as duas nações. Ella assume modalidades complexas, que desafiam qualquer solução simplista do problema. Antes de tudo pode-se perguntar com Paul Morand, de que França e de que Alemanha se trata. A França do norte: religiosa, poetica, germanica, celtica, corporativa, portadora fiel da herança franca? Ou a do meio dia: latina, incredula, levantina, politica e verzejadora? De que Alemanha? Munich, muito 1875, Hamburgo e os centros hanseaticos, muito 1900 e Berlim, muito, mas muito 1950?

Certos escriptores francezes, Albert Thibaudet, por exemplo, descobrem a principal divergencia entre os dois povos em sua concepção do mundo, em sua "Weltanschau-

tas em seu livro "A Defesa do Occidente" dizendo que a Alemanha é portadora na Europa de uma mensagem espiritual pernicioso a que chama as idéas madres da civilização do Occidente: a personalidade, a unidade; a estabilidade, a autoridade e a continuidade. Diz ainda que, sobretudo depois de 1918 a hereditariedade asiatica voltou a se manifestar no povo allemão com inesperada violencia.

Nenhum dos escriptores francezes interrogados mostrou-se porém tão contrario á idéa de uma aproximação franco-allemã quanto Leon Daudet. O pamphletario da "Action Française" não vê e não quer ver nenhuma possibilidade de entendimento entre os dois povos. Suas idéas a esse respeito não se modificaram depois da grande guerra e considera com admiravel



Uma parada nacionalista na nova Alemanha

sentido de insular seu povo numa attitude de hostilidade contra seus adversarios de hontem.

Meu proposito de procurar esclarecer esse facto foi grandemente facilitado pelo inquerito realizado pelo excellente semanario "Die Literaris che Welt" em torno dessa importante questão. E' evidente que o problema do estreitamento das relações entre a Alemanha e a França constitue neste momento o thema capital, o eixo de qualquer tentativa viavel no sentido de se assegurar de um modo permanente as boas relações entre os povos, quinze annos depois da catastrophe de 1914.

ung". Ella está nisto sobretudo, que os francezes querem uma verdade logica, quando os allemães procuram uma realidade viva. O conhecido germanista Felix Bertaux não dá, por sua vez, grande importância a essa divergencia, achando que não é tão consideravel que possa ser preservada intacta pela natureza. "O racional e o irracional, o claro e o obscuro, o estatico e o dinamico são, uns e outros, representativos para as duas partes, posto que, por vezes, tomem aspectos e colorações divergentes".

Henri Massis repete em sua entrevista as mesmas idéas já expos-

ma vontade as perspectivas de um entendimento mutuo. A Alemanha para elle, embora um paiz de alta cultura em alguns pontos, "é destituida de qualquer forma de moral civilizada."

OS PONTOS DE CONTACTO

"Neste momento a França odeia a Inglaterra, odeia os Estados Unidos, receia a Russia e desdenha as nações do sul: isso quer dizer, em summa, amizade teuta-franceza". Se nenhum dos escriptores allemães interpellados participa desse excessivo exclusivismo de Paul Morand, nenhum por outro lado deixa de acolher com fervorosa sympathia a perspectiva de uma aproximação entre os dois povos. E nesse ponto contrastam com diversos entre os escriptores francezes entrevistados. Quasi todos accentuam as divergencias enormes que separam os dois povos. Mas reconhecem, como Emil Ludwig e também como o autor de "O Buddha Vivo" que essas divergencias podem prenunciar um bom casamento. Emquanto os orientaes e os latinos trabalham para comer, enquanto os anglo-americanos trabalham apenas para ganhar dinheiro, francezes e allemães, por seu labor sem duvida diverso, mas honesto e quasi exasperado, foram feitos para trabalhar juntos. O Mayer de Kurfurstendam sente-se hoje muito satisfeito em poder cumprimentar o Mayer da rua du Sentier. E no casamento proposto por Morand a Alemanha representa o elemento feminino.

Heinrich Mann é o unico dos escriptores allemães que salienta as affinidades e chega mesmo a dizer que nas questões mais importantes não ha dois paizes que tanto se aproximem quanto a França e a Alemanha. "Sua forma de espiritualidade — diz — permite-lhes essa aproximação". Por pouco não lembra como Edouard Herriot certas tradições communs, á lenda de Tristão, por exemplo. Godofredo de Strassburgo não se inspirou em seu irmão Thomas de Bretonha? A Alemanha dos seculos XVII e XVIII não soffreu o influxo francez? E não faltam traços de união mais recentes. Voltaire e Frederico. Klopstock, saudado como o inspirador da revolução franceza.

A importancia singular de Jean Jacques Rousseau na formação da moderna mentalidade germanica. A influencia de Kant e de Wagner no pensamento e na arte franceza; sem falar na de Goethe e na de Nietzsche. E se existem divergencias são divergencias que se completam, como declara Emil Ludwig em sua resposta ao inquerito.

PANEUROPA

E' ainda do biographo de Bismarck e de Napoleão esta pittoresca parodia do manifesto de Marx e Engels: "Jovens de dezoito annos de todos os paizes uni-vos!" Dessa exclamação não é difficil passar ao velho sonho da união thema escolhido por Stefan Zweig. O autor de "Jeremias" não receia ser tachado de ideologo ou de utopista adoptando o sonho de Caudehnove Kalergi. Acredita que o paneuropeismo deverá ser precedido de uma união aduaneira de todas

QUINZE ANNOS DEPOIS.

(Conclusão da 1ª pagina)

tro paiz europeu, particularmente a França, a que ella está ligada por tantos laços (a guerra tambem um laço de união entre os povos — diz).

O conhecido autor dramático Ernst Toller é do mesmo parecer. O facto de duas collectividades falarem a mesma lingua não significa que ambas entendam a mesma lingua. Imagine-se uma conversação entre Kurt Tucholsky, o conhecido publicista radical, e qualquer hitlerista de Miesbach. Mas como se entendem perfeitamente o banqueiro X de Paris e seu collega Y de Berlim.

Jacob Wassermann é de igual opinião. Sómente acredita que a humanidade não está preparada sufficientemente para que todos os povos tenham uma vontade unica, uma unica consciencia e uma unica voz. Elles seguem exclusivamente as paixões de cada instante. E assim torna-se absolutamente vão um trabalho de aproximação em qualquer sentido, seja como acto politico, seja como forma aestetica, seja como sacrificio humano. O mal está bem nisto, que o conceito moral de sacrificio não tem em nossa civilização actual nenhum conteúdo. Elle é dominado por uma ideologia intransigente, mente egoista, que apenas dissimula os diversos nacionalismos.

A culpa de tudo isso cabe aos corruptores, aos vociferadores, aos gozadores, aos ingenuos de todos os paizes. Max Brod e Walter von Molo falam no mesmo tom. Georg von der Vring, que como prisioneiro de guerra em França pôde observar directamente os motivos do nacionalismo anti-germanico, acha que o elemento mais pernicioso e mais perigoso de contaminação desse espirito insupportavel são as escolas superiores. Bruno Franck diz que são a igreja e a imprensa. "Existem jornaes francezes que tratam a Alemanha como se fosse o barbaro Kurdistan". Quanto á igreja, que embora divorciada do Estado acha-se em muitos casos associada ao patriotismo exaltado de numerosos politicos e publicistas, transformando-se numa verdadeira "ecclesia militans", um dos grandes responsáveis pela manutenção no povo desse odio permanente contra os varcos.

CULTURA UNIVERSALISTA

O resultado do inquerito da "Literarische West" pode ser contado entre os numerosos exemplos de firme vontade de paz e de harmonia entre os povos, que caracterizam o elemento espiritual da moderna Alemanha. Nenhum outro paiz mostra hoje tão hospitaleiro á produções culturais de seus vizinhos. Suas fronteiras estão livremente abertas ás influencias espirituaes mais diversas e mais longinquas.

Uma cultura sem fronteiras. Eis ahi a grave censura que tem recaído constantemente sobre o pensamento allemão. Um latim habituado ás construcções rigidas e irreductiveis que lhe legaram os seculos, difficilmente pode comprehendere essa tendencia para exceder sempre os limites propostos ou convençionados, essa resistencia a qualquer definição, tudo quanto se poderia exprimir pela musica, essa flor do espirito germanico.

Mas a hospitalidade, ao anti-protecçionismo de tal cultura corresponde uma não menos caracteristica generosidade. Esse pensamento sempre disponivel é, apesar disso, ou por isso mesmo, cheio de poderosos estímulos. Accusam-no de systematico, mas essa accusação comporta um grave erro de comprehensão. Na verdade o pensamento allemão é tão pouco systematico que os sistemas apparecem nelle como construcções forçadas e impostas. Um esforço mal sucedido para oppor diques a sua irresistivel fluidez. O que nelle não pode apparecer como systematico é precisamente sua inadequação a qualquer systema.

Assim nada mais absurdo do que a tendencia de certos sub-philosophos brasileiros para a exaltação do pensamento allemão em prejuizo dos outros e mesmo contra os outros, sobretudo contra o pensamento francez. E' uma tendencia que contraria violentamente o sentido de uma cultura naturalmente receptiva e universalista, que confessa honestamente as suas dividas e abomina todos os exclusivismos. E se essa "fluidez" da cultura allemã podesse, em certo momento, encontrar seu correlativo politico no desejo de "expansão" anti-pacifista, ella é, não obstante, a mais preparada neste momento para se tornar o arauto da boa harmonia entre os homens. Podemos ter confiança em que não trairá sua missão.

O jornal
Domingo - 16 de Novembro
1950

O conhecido autor dramático Ernst Toller é do mesmo parecer. O facto de duas colectividades falarem a mesma língua não significa que ambas entendam a mesma língua. Imagine-se uma conversa entre Kurt Tucholsky, o conhecido publicista radical, e qualquer hitorista de Miesbach. Mas como se entendem perfeitamente o banqueiro X de Paris e seu collega Y Berlim.

Jacob Wassermann é de outra opinião. Sómente acredita que a humanidade não está preparada suficientemente para que todos os povos tenham uma vontade única, uma única consciencia e uma única voz. Elles seguem exclusivamente as paixões de cada instante. E assim torna-se absolutamente necessário um trabalho de aproximação em qualquer sentido, seja no campo político, seja como forma estética, seja como sacrificio humano. O mal está bem nisto, que o conceito moral de sacrificio não tem em nossa civilização actual nenhum conteúdo. Elle é dominado por uma ideologia intransigentemente egoista, que apenas simula os diversos nacionalismos.

A culpa de tudo isso cabe aos corruptores, aos vociferadores, aos gozadores, aos ingenuos de todos os paizes. Max Brod e Walter Hasencamp falam no mesmo tom. Godofredo von der Vring, que como prisioneiro de guerra em França pôde observar directamente os motivos do nacionalismo anti-germanico, acha que o elemento mais perigoso e mais perigoso de contactação desse espirito insupportavel são as escolas superiores. Bertram Frank diz que são a igreja e a imprensa. "Existem jornais francezes que tratam a Alemanha como se fosse o barbaro Kurdistão". Quanto á igreja, que embebedada do Estado acha-se muitos casos associada ao patriotismo exaltado de numerosos poetas e publicistas, transformando numa verdadeira "ecclesia militans", um dos grandes responsáveis pela manutenção no povo do seu odio permanente contra os vencidos.

CULTURA UNIVERSALISTA

O resultado do inquerito da "literarische West" pode ser contrastado entre os numerosos exemplos de firme vontade de paz e de harmonia entre os povos, que caracterizam o elementos espiritual da moderna Alemanha. Nenhum outro paiz mostra hoje tão hospitaleiro produções culturais de seus vizinhos. Suas fronteiras estão livremente abertas ás influencias e rituais mais diversas e mais singuas.

Uma cultura sem fronteiras. Eis ahi a grave censura que tem recaído constantemente sobre o pensamento allemão. Um latim habituado ás construcções rígidas e irreductíveis que lhe legaram os seculos, difficilmente pode apprehender essa tendencia para ceder sempre os limites propostos ou convencionados, essa resistencia a qualquer definição, tanto quanto se poderia exprimir na musica, essa flor do espirito germanico.

Mas a hospitalidade, ao antipatheticismo de tal cultura corresponde uma não menos caracteristica generosidade. Esse pensamento sempre disponível é, apesar de ou por isso mesmo, cheio de poderosos estímulos. Accusam-no de systemático, mas essa accusação comporta um grave erro de comprehensão. Na verdade o pensamento allemão é tão pouco systemático como os systemas apparelhas como construcções forçadas e impostas. Um esforço mal sucedido para oppor diques a sua resistivel fluidez. O que nelle pode apparecer como systemático é precisamente sua inadequação a qualquer systema.

Assim nada mais absurdo do que a tendencia de certos subphiloophos brasileiros para a exaltação do pensamento allemão em prejuizo dos outros e mesmo contra os outros, sobretudo contra o pensamento francez. E' uma tendencia contraria violentamente o sentido de uma cultura naturalmente receptiva e universalista, que confessa honestamente as suas dividas e abomina todos os exclusivismos. E se essa "fluidez" da cultura allemã podesse, em certo momento encontrar seu correlativo politico, no desejo de "expansão" antifrista, ella é, não obstante, a melhor preparada neste momento para tornar o arauto da boa harmonia entre os homens. Podemos ter confiança em que não trairá sua missão.

tas em seu livro "A Defesa do Occidente" dizendo que a Alemanha é portadora na Europa de uma mensagem espiritual pernicioso ao que chama as idéas madres da civilização do Occidente: a personalidade, a unidade; a estabilidade, a autoridade e a continuidade. Diz ainda que, sobretudo depois de 1918 a hereditariedade asiatica voltou a se manifestar no povo allemão com inesperada violencia.

Nenhum dos escriptores francezes interrogados mostrou-se porém tão contrario á idéa de uma aproximação franco-allemã quanto Leon Daudet. O pamphletario da "Action Française" não vê e não quer ver nenhuma possibilidade de entendimento entre os dois povos. Suas idéas a esse respeito não se modificaram depois da grande guerra e considera com admiravel

FRANÇA E ALLEMANHA

Será absurdo desconhecer as divergencias entre as duas nações. Ella assume modalidades complexas, que desafiam qualquer solução simplista do problema. Antes de tudo pode-se perguntar com Paul Morand, de que França e de que Alemanha se trata. A França do norte: religiosa, poetica, germanica, celtica, corporativa, portadora fiel da herança franca? Ou a do meio dia: latina, incredula, levantina, politica e versejadora? De que Alemanha? Munich, muito 1875, Hamburgo e os centros hanseaticos, muito 1900 e Berlim, muito, mas muito 1950?

Certos escriptores francezes, Albert Thibaudet, por exemplo, descobrem a principal divergencia entre os dois povos em sua concepção do mundo, em sua "Weltanschau-

ung". Ella está nisto sobretudo, que os francezes querem uma verdade logica, quando os allemães procuram uma realidade viva. O conhecido germanista Felix Bertaux não dá, por sua vez, grande importancia a essa divergencia, achando que não é tão consideravel que possa ser preservada intacta pela natureza. "O racional e o irracional, o claro e o obscuro, o estatico e o dinamico são, uns e outros, representativos para as duas partes, posto que, por vezes, tomam aspectos e colorações divergentes".

Henri Massis repete em sua entrevista as mesmas idéas já expostas

OS PONTOS DE CONTACTO

"Neste momento a França odeia a Inglaterra, odeia os Estados Unidos, receia a Russia e desdenha as nações do sul: isso quer dizer, em summa, amizade teuta-franceza". Se nenhum dos escriptores allemães interpellados participa desse excessivo exclusivismo de Paul Morand, nenhum por outro lado deixa de acolher com fervorosa sympathia a perspectiva de uma aproximação entre os dois povos. E nesse ponto contrastam com diversos entre os escriptores francezes entrevistados. Quasi todos accentuam as divergencias enormes que separam os dois povos. Mas reconhecem, como Emil Ludwig e também como o autor de "O Budha Vivo" que essas divergencias podem prenunciar um bom casamento. Emquanto os orientaes e os latinos trabalham para comer, emquanto os anglo-americanos trabalham apenas para ganhar dinheiro, francezes e allemães, por seu labor sem duvida diverso, mas honesto e quasi exasperado, foram feitos para trabalhar juntos. O Mayer de Kurfurstendam sente-se hoje muito satisfeito em poder cumprimentar o Mayer da rua du Sentier. E no casamento proposto por Morand a Alemanha representa o elemento feminino.

Heinrich Mann é o unico dos escriptores allemães que salienta as affinidades e chega mesmo a dizer que nas questões mais importantes não ha dois paizes que tanto se aproximem quanto a França e a Alemanha. "Sua forma de espiritualidade — diz — permite-lhes essa aproximação". Por pouco não lembra como Edouard Herriot certas tradições communs, á lenda de Tristão, por exemplo. Godofredo de Strassburgo não se inspirou em seu irmão Thomas de Bretonha? A Alemanha dos seculos XVII e XVIII não soffreu o influxo francez? E não faltam traços de união mais recentes. Voltaire e Frederico. Klopstock, saudado como o inspirador da revolução franceza.

A importancia singular de Jean Jacques Rousseau na formação da moderna mentalidade germanica. A influencia de Kant e de Wagner no pensamento e na arte franceza; sem falar na de Goethe e na de Nietzsche. E se existem divergencias são divergencias que se completam, como declara Emil Ludwig em sua resposta ao inquerito.

PAN-EUROPA

E' ainda do biographo de Bismarck e de Napoleão esta pittoresca parodia do manifesto de Marx e Engels: "Jovens de dezoito annos de todos os paizes uni-vos!" Dessa exclamação não é difficil passar ao velho sonho da união thema escolhido por Stefan Zweig. O autor de "Jeremias" não receia ser tachado de ideologo ou de utopista adoptando o sonho de Caudehnove Kalergi. Acredita que o pan-europeismo deverá ser precedido de uma união aduaneira de todas as nações do continente segundo o modelo do Zollverein de Bismarck. E acrescenta: "A actual geração realizará a idéa mais importante deste seculo: a unico europeia". Nunca acreditou antes da guerra e mesmo durante a guerra e depois, na existencia de qualquer sentimento de irreductivel divergencia entre a Alemanha e qualquer ou-

(Continua na 2ª pag.)

BERLIM — Setembro.

A recente victoria eleitoral dos partidos da extrem-direita na Alemanha poderia conduzir muita gente á opinião de que a maioria do povo allemão se acha divorciada dos ideaes que conduziriam ao melhor entendimento e á maior harmonia entre os povos. Em outra correspondencia tentei mostrar como o triumpho dos "revanchistas" no mais recente pleito eleitoral travado no Reich constituiu apenas uma manifestação da consciencia de que a Alemanha só se pôde salvar da situação em que se encontra por uma reacção contra as injustiças de Versailhes. Se é verdade que existe um excesso natural nessa reacção será impossivel dizer que os elementos mais representativos da nação allemã participam de qualquer tendencia no



Uma parada nacionalista na nova Alemanha

sentido de insular seu povo numa attitude de hostilidade contra seus adversarios de hontem.

Meu proposito de procurar esclarecer esse facto foi grandemente facilitado pelo inquerito realizado pelo excellente semanario "Die Literaris che Welt" em torno dessa importante questão. E' evidente que o problema do estreitamento das relações entre a Alemanha e a França constitue neste momento o thema capital, o eixo de qualquer tentativa viavel no sentido de se assegurar de um modo permanente as boas relações entre os povos, quinze annos depois da catastrophe de 1914.

ung". Ella está nisto sobretudo, que os francezes querem uma verdade logica, quando os allemães procuram uma realidade viva. O conhecido germanista Felix Bertaux não dá, por sua vez, grande importancia a essa divergencia, achando que não é tão consideravel que possa ser preservada intacta pela natureza. "O racional e o irracional, o claro e o obscuro, o estatico e o dinamico são, uns e outros, representativos para as duas partes, posto que, por vezes, tomam aspectos e colorações divergentes".

Henri Massis repete em sua entrevista as mesmas idéas já expostas

O jornal
Domingo - 16 de Novembro
1930